

Uma visita

Aparece de vez em quando. Traz um saco com doçuras «prós meninos» e uma nota escondida que a sua modesta suficiência lhe permite e o seu grande coração lhe dita. É um daqueles dons (de tantos que nos chegam da mesma espécie) que se não medem pelos critérios de valor deste mundo, mas pelo que o Senhor nos deixou no Evangelho: «Aquele foi a que deu mais». E o que é mais na sua procedência, pela sua procedência, é mais, também, em eficácia, no destino. A nossa perene suficiência tem nestes dons um dos seus mais seguros alicerces — nós acre-

ditamos. Pai Américo assim acreditou no princípio; e agora nem é favor nenhum acreditar, de tão experimentada esta doutrina ao longo de meio século de Obra da Rua!

Contudo, o melhor que esta visita nos traz, é a comunicação da sua irradiante felicidade.

Ela não queria roubar-me tempo, mas eu estava a ganhá-lo. Pedi-lhe que falasse. E a adorável velhinha, de oitenta e dois anos (a quem, sem custo, roubaria uma boa dúzia deles), olhos vivíssimos, porte fidalgo, palavra fácil, falou.

Filha de pobres rendeiros, de saúde frágil, só aos quatro anos

começou a andar. Depois, a vida de trabalho na terra, auxiliando seus pais, revigorou-a. Aos vinte e poucos foi servir. Primeiro em casa de um médico, trinta anos que deram para acompanhar seus amos até à morte e os ajudar na criação dos filhos. Com estes fez ela a escola que nunca frequentou. Assim aprendeu a ler e a escrever um pouco.

Depois, em casa de outro médico se acolheu, um Professor da Universidade que, se fosse preciso, teria por testemunhas de defesa no Juízo Final homens como Pai Américo, como o Padre Grilo e, sabe-o Deus, quantos mais... De novo a morte dos senhores marca o fim desta etapa de serviço.

A próxima, dar-lhe-ia uma doente idosa, sem ninguém, a quem fechou os olhos. E é nessa casa de «ilha», sem água canalizada, que ainda hoje mora, rica com a sua pequenina reforma que lhe dá para viver e para repartir.

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

Há três meses que não dou notícias. Os leitores estranham a falta da minha presença n'O GAIATO e refilam. Têm sido muitos os testemunhos, aqui chegados, a pressionarem-me, perguntando porquê, porque não escrevo. Nem eu sei! Incapacidade? Assoberbamento? Ausência de tranquilidade interior para o mínimo de reflexão e de optimismo que a visão da vida deve possuir? Um pouco de tudo.

Recentemente instalou-se no ambiente dos Rapazes, sobretudo de alguns adolescentes, em idade e maturidade, um clima de desânimo e fuga muito parecido ao de 1972 e 1978. Uma crise que pela repetição, em espaços de tempo mais ou menos igual, parece cíclica. O sofrimento dela resultante abateu-se sobre a minha alma e deitar-me-ia abaixo, se não fora a fé n'Aquele que nos conforta.

As energias físicas e psicológicas consumiram-se inutilmente e todos sofremos por via disso.

Agora que o calor desapareceu, o frio chegou e os mais afectados se eliminaram por si próprios, sobreveio uma certa acalmia.

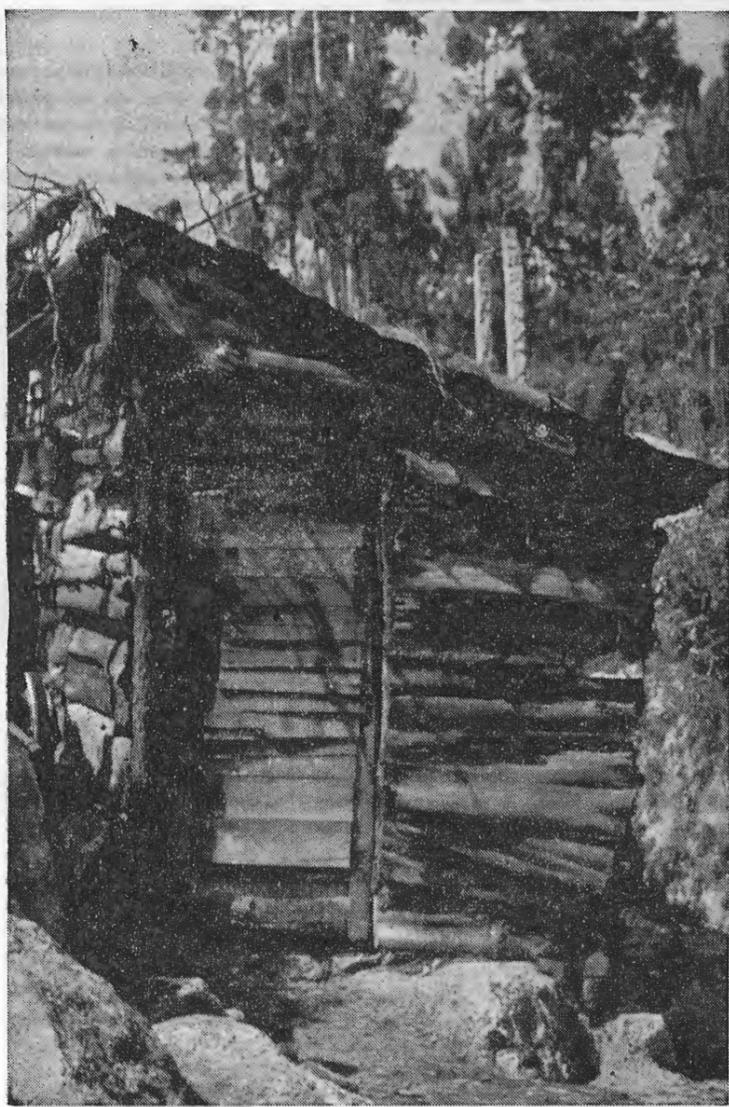
A venda d'O GAIATO, como os «fregueses» (assim tratam os vendedores quem lhes compra regularmente o jornal) notam, tem tido muitas mudanças nos seus pregoeiros. É que também eles se deixaram levar. Roubo, compras de rádios, bolas, patins, brinquedos e outras bugigangas com dinheiro da venda, aquisição de amizades ou subserviências a mais velhos, obrigam-me a pedir aos leitores que tenham cuidado com o dinheiro dado ou enviado pelos rapazes. O ambiente geral é muito tentador, e, nem sempre, a consciência deles se mantém pura.

O Padre Luiz, em Lisboa, acabou com a venda do jornal por se tornar incontrolável e ser uma perigosa oportunidade de corrupção.

Quando nos quiserem enviar os seus donativos utilizem o cheque, o vale do correio ou mandem-nos dizer em envelope fechado — para a Casa do Galato, 2900 Setúbal — que entregaram tanto a fulano.

Há tempo, os pedreiros encontraram no meio de um monte de telhas arrumadas num sótão, um embrulho de

Cont. na 4.ª pág.



A carência de moradias é tão evidente que não há palavras para traduzir as dificuldades postas àqueles que delas necessitam...

AQUI, LISBOA!

«Salvo melhor opinião, eu tenho que a falta de abrigos para o homem é um problema eminentemente cristão.» (Pai Américo)

A carência de casas é tão evidente que não há palavras para traduzir as dificuldades postas àqueles que delas necessitam, nomeadamente os jovens que aspiram a constituir família. Pensamos mesmo que, a par dos problemas da falta de empregos e dos salários em atraso, da saúde e da segurança social, da educação e do saneamento, da corrupção e do nepotismo, deve ser esse um dos mais preocupantes para o novo Governo.

Sobretudo nos grandes centros, a questão habitacional

toma proporções aterradoras, com gravíssimas consequências nos planos moral e social, pondo em causa a integridade das famílias. Sim, porque não é na promiscuidade física ou do espírito que se podem esperar «igrejas domésticas» capazes, para utilizarmos linguagem do Concílio.

«O casamento é o acto final dos Rapazes da nossa Obra», escreveu Pai Américo. Sendo certo que nem sempre assim acontece, por razões de índole vária, a ordem natural das coisas assim o aconselha e exige. Daí que, vivendo em geral a questão dos sem-casa ou mal alojados, nos preocupamos dum modo particular com o futuro dos nossos, pois, «se na verdade, por graça de Deus, a

gente for capaz de levantar alguns destes ao nível da vida humana e conduzi-los ao ponto de constituir família para que dêem aos seus outra herança; se a gente for capaz de os amar com todos os defeitos e até por causa deles; se assim acontecer, Senhor do Céu, é sinal de fidelidade à missão. Este prémio nos basta.» (Pai Américo)

Na linha do exposto, adquiriu esta Casa, nas redondezas, cerca de 10.500m² de terreno destinado à construção pelos Rapazes, com ou sem o recurso ao crédito, dos seus próprios ninhos, que não baracas ou equiparáveis, em regime de autoconstrução. É evi-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

CONVÍVIOS — Foram no segundo e terceiro domingos do mês passado. No primeiro, foi o grupo Coral de Santa Cruz, encabeçado pelo Zé «Gordo» que para evitar a lambarice dos seus colegas que vieram de comboio, trouxe o seu carrito mai-las castanhas. O pior foi que a gulodice dos nossos, e dele também, era maior que a dos outros e se não fosse já estar tudo preparado, quando fossem para assar as castanhas... — Que é delas?! E mesmo assim não as assaram por inteiro, comeram-nas antes disso. Mas também veio a pinga, branco ou tinto para que cada um escolhesse, e também o sumo para os mais pequenos pois a pinga era só para quem tinha goelas. Também trouxeram violas e enquanto uns as afinavam, outros afinavam as gargantas, mas todos acabaram por cantar, embora uns mais animados que os outros, que ainda rebuscavam nas cinzas uma ou outra castanha que tivesse escapado aos «ceguetas». Depois tornaram a partir. As violas no saco, castanhas no «bucho» e as caras enfarruscadas, a que poucos escapámos.

No domingo a seguir foi o Padre Pelino com um grupo de jovens. As castanhas já cá estavam desde o dia anterior. Mas bem guardadas, pois há deles que gostam muito mais delas cruas do que assadas ou cozidas. Tudo, tal como no domingo atrás: As fogueiras frente à tipografia com as castanhas a estalarem, as mãos ávidas dos melhores, a ultrapassarem os menos lestos que se iam contentando com as «esquecidas» que eram muitas e boas. A «água-pé» não faltou, nem mesmo faltaram as caras enfarruscadas, de tal modo que alguns pareciam estar num baile de máscaras, deixando apenas a descoberto uns olhinhos brilhantes e as bocas que trincavam, sofregamente, as castanhas acabadas de tirar das cinzas da canuma, junta havia poucos dias para o efeito. Veio a viola e todos cantámos, excepto os mais gulosos que só arredaram pé das fogueiras quando nelas só havia cinzas. Também estes partiram com promessa de voltar. Que venham. Decerto não faltarão as castanhas, a «água pé» e tudo o mais para animar a malta.

TIPOGRAFIA — Inaugurámos a nossa Escola-oficina de Artes Gráficas sem pompas nem festanças como é uso dos instalados. Inaugurámo-la com o trabalho. Já havia algumas encomendas; poucos, é certo, mas esperamos que venham mais, pois que os nossos Amigos só estavam à espera que disséssemos: — Estamos prontos! E, assim, esperamos os seus pedidos para que a nossa oficina corresponda àquilo que desejamos. Queremos fazer dela uma Escola, mas como pode ensinar-se numa Escola sem livros? Os nossos livros são o trabalho, são a prática que só a vida objectiva ensina. Sabemos que há Amigos com trabalhos para a nossa nova oficina. Não há que hesitar. Queremos trabalhar. Queremos produzir e provar que somos capazes. Queremos justificar o suor que gastámos, dias a fio, à es-

pera de ver satisfeitos os nossos desejos. Queremos formar homens, ensinando e aprendendo.

Confessamos que estávamos à espera de mais, de muito trabalho, mas confiamos que esses dias virão quando a hesitação que a muitos trava, se torne em decisão. Por isso mais uma vez alertamos todos aqueles que têm trabalhos para fazer que nos procurem ou o belo edifício que construímos será uma beleza inútil que a nada nem a ninguém dará proveito...

AMIGOS — A poucos dias do Natal começam a aparecer os Amigos costumeiros, e outros, com lembranças para o «Natal dos Gaiatos». Ainda hoje, quando esboçava as primeiras linhas desta crónica em viagem com o nosso Padre Horácio, demos uma saltada à Boavista, lá prós lados de Leiria, donde trouxemos miúdos de leitão do sítio do costume, com a promessa da ofertante: — *Prò Natal há mais.*

Numa visita à Emissora deparámos com um grupo de pintores, daqueles que ainda descortinam rasgos de beleza na miséria coimbrã, e demos o nosso consentimento à oferta dos seus quadros para o nosso Natal. A saída desta crónica já estarão expostos no Chiado. Queriam que os nossos também estivessem presentes, mas a vida tem de continuar cá em Casa, embora rejubilemos com estes Amigos que batem à nossa porta e deixam do que é seu com os olhos fechados. Mais virão. Outros já vieram também. A todos agradecemos. A todos endereçamos aquilo que nos desejam: felicidades.

Chiquito-Zé

Lar de Coimbra

OS NOSSOS AMIGOS — Nós reza-mos no nosso Terço — além de outras intenções — pelos nossos Amigos, pelos que contribuem directa ou indirectamente, de várias maneiras, para a nossa vida, para a Obra da Rua.

Como já tivemos a ocasião de referir, todas as Editoras responderam ao nosso apelo, enviando as suas ofertas.

Damos graças a Deus pelas firmas que abriram o seu coração: Porto Editora, Textos Editora, Edições Asa e Contraponto.

O «FAMOSO» — «O nosso Famoso!» Foi assim que um antigo meu freguês d'O GAIATO me disse, quando me encontrou.

Quando estou a escrever esta crónica, acabei de o ler. Ajudou-me a pensar que este humilde mensageiro é Famoso.

O nosso Padre Carlos escreveu na última edição, no artigo «Presença»:

«O nosso pequenino jornal é uma experiência que exemplifica...

Pobre de intelectualidade, mas pre-nhe de vida...»

Ele afirma que é preciso e urgente construir, salvar, amar o homem. Dá uma base positiva. Como Jesus Cristo deu à Vida — ressuscitando da Morte, das trevas, fez Vida o Luz.

Por isso O GAIATO — para todos os que o querem — é o Famoso.

A VIDA NO LAR — Aquele meu antigo freguês sabia que eu era o chefe do Lar.

Pois sou o mais velho, o que em primeiro lugar tem que ajudar e exemplificar na vida, no nosso dia-a-dia.

Nunca gostei da palavra chefe! Gosto mais que me tratem por irmão mais velho. É assim que vivemos. Onde está o mais velho, aí continua como grande responsável.

E o dia começa no nosso Cantinho, onde Jesus está presente para nos alegrar e dar valor para o resto do dia.

Primeiro a oração. No começo do dia. Antes e depois das refeições. E no fim do dia.

É através da oração que os nossos deveres, quer o estudo quer tudo o mais, se realizam conscientemente.

E, assim, hora a hora, crescemos, pensando na construção de nós mesmos como homens.

Ultimamente, nas nossas reuniões, temos partilhado através dos pontos que devemos salientar e emendar, porque a nossa vida é construir, não destruir. Dar valor a tudo que nos rodeia num sentido simples e positivo.

Pai Américo, à Luz de Deus, deixou-nos esta pedagogia, como dizia: «Esta doutrina não é minha, é do Pai Celeste».

E vivemos assim, como cristãos. Sai tudo do diálogo com o Pai Santo. Sentimos a vida com os seus altos e baixos.

VISITANTES — Vem aqui, ao Lar, para nos conhecer e conviver, um pequeno grupo de jovens com jogos e conversas, de 15 em 15 dias, à quarta-feira à noite. Temos gostado da sua companhia.

CARA NOVA — É o Paulo Alexandre. Veio da Casa do Gaiato do Tojal. Juntou-se a nós para estudar. Frequenta o 7.º ano de escolaridade.

E vai-se habituando ao novo ambiente — com as mesmas características de vida de qualquer outra Casa ou Lar do Gaiato.

Guído

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Sempre nos preocupámos com a situação das Viúvas! E aliviámos as suas carências.

Uma delas ficou com os filhos pequeninos, sem mais nada a não ser a pequeníssima pensão de sobrevivência, garantida, e a hipótese doutra que conseguimos dificilmente. Essa Viúva jovem — qual mulher forte do Evangelho — singra na vida de cabeça erguida. Recebe um auxílio suplementar dos nossos Leitores para criar os filhos com o mínimo indispensável. Mas não se atém, apenas, àqueles benefícios: É uma boa dona de casa. Tem o seu quintalinho para autoconsumo, criação de porcos e galinhas. Trabalha o que pode, como pode, em casa, para uma empresa de confecções. É pobre; mas feliz, graças a Deus.

Tem uma pequena moradia, erguida pelo falecido marido com sacrifícios incriveis. Por isso, dedica-lhe muito amor e não deixa de compor ou reparar, agora e logo, uma ou outra dependência do prédio.

— Já cimentei a divisão ao lado da casa! Fica melhor... É oitira limpezal!...

Não pede nada. Tampouco diz o custo. Amealhou uns magros escudos, ao longo do ano, e com a ajuda dos familiares só gastou no cimento, na areia.

Feliz! «Agora fica melhor. É oitira limpezal!...»

● Dos problemas mais agudos que têm surgido, salientamos as carências d'habitação e um ou outro caso de desemprego.

Não nos lembramos ter de percorrer, como agora, braço-dado aos Pobres, o saturadíssimo mercado da habitação; servirmos d'avalista ou, em último recurso, sermos garantes duma ou outra renda de casa! Só para uma delas os nossos Leitores contribuem, mensalmente, com 7.500\$.

Agora, uma família estaria sem tecto, sem nada... Tudo se conseguiu... até o empréstimo dum rés-do-chão, oferta dum colega de trabalho do chefe de família! É um empréstimo, não um aluguer. Deu do que lhe faz falta, pois necessita do rés-do-chão para o seu agregado. Maior o valor da cedência! Mais: não é fácil encontrar uma disponibilidade cristã desta ordem, em momento d'afflicção. Por isso, motivamos os sem-casa a procurar ninho noutra lado. Surgem, porém, duas resistências: Nunca viveram numa moradia como ora habitam... E as duas que recentemente apareceram são aluguéis entre nove a dez contos!

Nos domínios do desemprego passou-nos pela mão o caso dum homem novo que bebe o seu copinho...

Até há pouco serviu uma empresa de construção civil em condições desaconselháveis, pelo que sofre as consequências. Queria um rumo para outra. Indicámos o caminho. Tem necessidade d'ir pelo seu pé, como um homem válido. Prestámos o nosso contributo, frisando o sentido da realidade, da sua responsabilidade como chefe de família.

— Se não conseguir trabalho ali, passe por acolá... Dê uma volta pelos estaleiros...

E foi.

A construção civil atravessa uma grave crise! Toda a gente sabe. Porém, achamos estranho que assim aconteça, pois temos um déficit de quase um milhão de fogos! Além disso, do ponto de vista económico, é um sector que briga pouco com as importações e movimenta inúmeras empresas a montante, a jusante; e do ponto de vista social é o pão de milhares de famílias portuguesas!

PARTILHA — «Avó de Sintra», 2.600\$00 «para a família do costume, a quem deseja saúde e paz». 50\$00 do assinante 14149, do Porto. A velha Amiga, assinante 12692, do Funchal, «muito doente, sem esperança de cura» — mas com Esperança na Vida Eterna — manda 1.000\$00 para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, «agradecendo a Nossa Senhora uma grande Graça». A sua

vida é um altar de sacrificio!

Outra vez Porto: Assinante 33529, 1.000\$00 para se «aplicar onde melhor entenderem». A Caridade cristã é assim mesmo!

Ecutemos a assinante 16415, de Barcelos:

«Os meus olhos continuam a portar-se mal, mas espero que saibam traduzir estas palavras cheias de boa vontade e desejo de ajudar o Próximo.

Vai um cheque que dividirão em três partes..., e também para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É uma pequena dádiva de reconhecimento ao Senhor pela grande felicidade que nos concedeu em podermos participar nas Bodas d'Oiro do casamento de um meu Irmão. Há cinquenta anos fui a madrinha, em cerimónia íntima, e há dias pude, emocionada, assistir a nova celebração.»

O assinante 24671, de Braga, além do cheque de 2.000\$00 — remessa habitual — insiste para não esquecermos as pobres Viúvas: «Digam algumas palavras. Façam um apelo, no Natal, a todas as que vivem sem dificuldades para se lembrarem das suas irmãs em necessidade — que são tantas!» Aqui está o recado.

Assinante 23484, de Vilarés (Vila Franca das Naves), o costume: 500\$. Mais duas presenças habituais: Assinante 11902, do Fundão, 3.000\$00 — «já inclui o 13.º mês, uma vez que eu também já o recebi» — e os dez rands da assinante 18998, de Durban (África do Sul), «pequena ajuda para quem mais precisa». E um remanescente de contas, d'O GAIATO, pela mão da esposa do assinante 18769, de Joanesburgo (África do Sul).

Reservamos para o fim uma pequenina e deliciosa procissão de gente que, pressurosa, acudiu à compra do colchão ortopédico para a velhinha: Maria, de Espinho; assinante 28386, de Corroios; assinante 11864, de Monchique; assinante 23618, da Capital; Manuela, de Setúbal; Maria das Dores, de Chaves; assinante 24757, de Santa Iria de Azoia; e o assinante 13323, de Fânzeres.

Nas Mãos de Deus depositamos as intenções de todos os Amigos.

Em nome dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTOS — No dia 24 de Novembro, o Sampaio e a Alzira casaram na nossa bela Capela.

No meio de muitos convidados, a festa começou com a celebração dominical e a cerimónia do casamento.

Depois da festa espiritual — do compromisso do casal perante Deus e a Igreja — na qual o nosso Padre Manuel acentuou a transcendência do Matrimónio — fomos para o refeitório, onde tudo decorreu num clima de alegria, pois a comida estava deliciosa!



Associações dos Antigos Gaiatos Livros «ISTO É A CASA DO GAIATO»

CENTRO

Realizámos em Miranda do Corvo, nas instalações da Senhora da Piedade de Tábuas, o anunciado Convívio em 13 de Outubro, que reuniu os associados que prevíamos, acompanhados de suas famílias, estando presente um novo casal e sua filha, uma «neta» da Obra da Rua, cujo pai passou pelas duas Casas do Centro do País e a quem desejamos as maiores felicidades para a nova vida que agora começa.

A maioria concentrou-se em Coimbra e seguiu em caravana automóvel, tendo-se realizado, à chegada, alguns trabalhos de «secretaria» (recebimento de quotas, inscrição de vários elementos) cuja receita reverteu a favor da Comissão daquelas instalações, cedidas sem encargos e a quem agradecemos, mais uma vez, esperando poder contar sempre com a boa vontade demonstrada.

Com a presença sempre bem disposta do Padre Horácio, participámos na Missa, na Capela do Santuário, tendo-se, antes, feito um pequeno ensaio de cânticos para acompanhamento, e tudo decorreu da melhor forma e com o agrado geral.

Recordados alguns passos ali dados pelos presentes, cujos familiares desconheciam o local, seguiu-se o almoço (preparado por cada família) não tendo faltado, entre os vários «menus», arroz doce, champa-

nhe, café e bom bagaço. Não podemos deixar de realçar a magnífica água ali existente.

Foi uma alegria vivida num dia «curto», de prolongado Verão, permitindo que toda a gente aproveitasse o tempo por várias actividades, subindo e descendo a serra, apanhando castanhas, conversando e fazendo renda (algumas mulheres); e até, vejam lá, jogando a bola, que às tantas se perdeu, tendo havido mobilização quase geral e acabámos por achar mais uma!

Depois, passámos pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo para visitarmos as novas oficinas gráficas. Merendámos e ainda demos uns toques na bola. Foi a despedida alegre, bem disposta, até uma nova oportunidade.

Queremos aproveitar este espaço para lembrar os que ainda não puderam estar presentes nas nossas reuniões, que há quotas por liquidar e estamos a chegar ao fim do ano; são 250\$00/ano, como sabem, e poderão enviar a quantia para Miranda do Corvo, pelo correio. Embora a vida esteja difícil, trata-se de uma importância que consideramos ao alcance da maioria.

Esperamos sempre mais um associado. Temos um registo de pouco mais de 150, enquanto os que passaram por Miranda do Corvo ultrapassaram os 700. Falta muita gente na nossa Associação!

Se conheces um antigo gaiato

e de que apenas sabes o nome e a morada, indica-nos num simples postal. Nós faremos o resto. Entraremos em contacto, para o captarmos para o nosso convívio. Todos juntos poderemos fazer muito. Contamos contigo!

Manuel Velga

SUL

Pedem para chamar a vossa atenção sobre as quotas em atraso.

O nosso comprometimento, aquando do último Encontro no Tojal (Fevereiro deste ano), deve levar-nos a satisfazer esse compromisso por vale de correio ou directamente na Rosicler.

O nosso tesoureiro, Álvaro Moreira, já anda aflito; e nós temos de o livrar de aflições pagando a nossa quota, conforme a importância combinada.

Informamos os companheiros que não estiveram nesse Encontro, no Tojal, que podem fazer a sua inscrição através da Rosicler (Eurico) ou da Casa do Gaiato do Tojal (Manuel dos Santos «Coco»).

É muito importante todos recebermos O GAIATO. Muitas vezes será através dele que daremos conta da nossa actividade e funcionamento.

Vamos estar atentos! Próximamente ireis ser chamados a participar numa iniciativa a favor dos nossos Irmãos do Tojal.

Cândido Pereira

Ao nosso Sampaio e à Alzira, que agora são um só, desejo as maiores felicidades em nome de todos os gaiatos.

Também para o «Zaco», que se casou no dia 23 de Novembro, os nossos votos de felicidades para o seu novo lar.

FUTEBOL — No dia 24 de Novembro defrontámos a Académica de Rio Tinto, jogo muito bem disputado, com a nossa equipa a fazer uma pressão constante e a outra actuando em contra-ataque. Ganhámos por 1-0, golo marcado nos últimos minutos do jogo!

ESCUTEIROS — Vamos ter futuros escuteiros em nossa Casa! Um grupo do Porto irá começar a preparar alguns dos nossos rapazes, no Escutismo. É um movimento muito interessante, particularmente para os jovens. O Escutismo é uma Escola de Vida para todos os indivíduos.

GADO — O sr. Padre Telmo trouxe, de Tomar, mais alguns porcos que irão enriquecer as nossas pocilgas. Nós somos uma Família muito grande e de tudo precisamos — sobretudo de carne. São bocas insaciáveis! Próprias da idade...

OBRAS — Depois de melhoramentos na padaria e na garagem, os nossos troilhas não param, já o dissemos e voltamos a repetir.

Agora é a casa-mãe que está a ser pintada para conservarmos toda a beleza do património que o Pai Américo nos deixou. E não é pequeno...!

CINEMA — Aos domingos vamos ter mais um novo passatempo: sessões de cinema! Tudo está resolvido: temos a máquina de projectar e os filmes, a seu tempo, serão alugados em empresas da especialidade.

Ludgero Paulo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Era sábado de tarde. Fui à rua da Bandeirinha passar um bocadinho com a sra. Arminda que ao ver-me ficou aflita. «Ai minha senhora está tudo tão sujo!» Como podia estar limpo? A única sala faz de quarto, de cozinha, sala de jantar e casa de banho! Se nós, com todas as comodidades, achamos que nada consegue estar limpo, será possível a uma mulher com 6 filhos e nestas condições fazer melhor!?

Mas não seria este o motivo que me levaria a este relato; mas, sim, a grande lição de espírito de família que naquela tarde encontrei. É que de facto a «casa» estava suja, porque ela mais os pequenos estavam a fazer gaiolas para ir vender no domingo à rua da Madra. «Tantas bocas!» — dizia ela — «todos temos que andar». Grande lição! Participação dos filhos no pão-nosso-de-cada-dia. Como este exemplo me tem dado que pensar!

Uma Vicentina

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

dente que nem todos terão a gana e o espírito de sacrifício indispensáveis para conseguir tal objectivo, mas isso é problema que nos transcende. Os dedos da mão são cinco, mas todos diferentes.

Quando lerdes estas linhas terá entrado já na Câmara de Loures a petição adequada para a aprovação do projecto em causa, esperando-se a compreensão habitual da edilidade para a consecução do objectivo em vista, que isto de pôr terreno à disposição dos Pobres não é coisa fácil nem corrente e deve merecer das Autoridades o maior dos apoios. Aguardamos que as infra-estruturas e os desenhos nos sejam facilitados, para assim ajudarmos a pôr de pé 40 a 50 casinhas para os nossos Rapazes que aspiram a constituir família ou vivam em condições menos favoráveis de habitabilidade. Deste modo, na linha de Pai Américo, se continua a paternidade da Obra, sem olvidarmos, naturalmente, as ajudas habituais do Património dos Pobres aos outros Autoconstrutores.

A mente não pára e a vontade não quebra. Com a com-

1.º volume (3.ª edição), 2.º volume (2.ª edição)

«A ideia de publicar estes volumes foi sugerida ao Padre Américo por quem dia a dia ia topando, durante a leitura do **Famoso**, com factos, figuras, acontecimentos, descrições que, pela sua beleza, pelo poder dum estilo pessoalíssimo, pelo desassombro que traduzem, pela pureza da doutrina que dum ou outro comentário irradiam, apetece recordar de quando em quando.

A dificuldade estava em escolher, porque começando a reler as páginas d'O GAIATO, o desejo era transcrevê-lo todo. Um pequeno mundo palpita nas suas páginas, um pequeno mundo em que há luz e sombras, risos e lágrimas, mas onde principalmente resplandece a Mensagem eterna do Evangelho de Jesus.»

(Da «Nota explicativa» desta obra)

Mais livros da autoria de Pai Américo — **Pão dos Pobres**: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Barredo** (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); **Ovo de Colombo** (2.ª edição); **Viagens** (2.ª edição — reordenada e aumentada); **Doutrina**: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

TRIBUNA de COIMBRA

■ Quando a vejo chegar ro-deada dos filhos mais novos e sempre com cara de envergonhada já sei que há muitas aflições naquela casa.

Voltou. Os cinco filhos andam todos na escola. O marido esteve de baixa uns meses e pouco recebeu. As varizes e a família não a deixam ir trabalhar para fora. As contas na mercearia estão muito atrasadas. Os filhos ainda não têm livros. E contou muitas amarguras.

Ouví. Nesse dia e nessa hora também eu estava cheio de aflições. Calei-me. Disse-lhe que no dia seguinte era a venda d'O GAIATO. Que viesse no outro dia.

Veio. Não foi necessário dizer mais nada. Subi ao escritório e juntei um macinho de notas.

preensão e a ajuda de todos, tudo podemos fazer. Assim o queiramos e os sonhos tornam-se realidade. De resto, «toda a obra tem suas arestas, algumas tão delicadamente escondidas, que somente dá fé delas quem nelas se mete. Assim se marca e sela o êxito de toda a empresa, cujo capital é tirado do primeiro Mandamento; no próprio labutar nos confortamos, sabendo que sem efusão de sangue não pode haver obra que redima». (Pai Américo)

Padre Luiz

Entreguei-as a um dos nossos, da limpeza, que as levou apertadinhas na mão e entregou àquela mãe que se retirou mais confortada.

Agradei a Deus o dom da partilha. Agradei a venda d'O GAIATO. Agradei a presença das nossas Casas junto dos Pobres.

Pai Américo acertou. Ganhou a partida. Deu-se em partilha. Escolheu a melhor parte, aquela que ninguém é capaz de tirar.

Quando na vida me tenho de encontrar com pessoas ricas em dinheiro e bens deste mundo quase sempre sinto o vazio. Mesas fartas. Filhos exigentes. Conversas vazias. Montes de coisas ou negócios. Geralmente os Pobres não têm lugar. Se se fala neles é para lastimar.

Se fosse possível haveríamos de trocar. Só uns momentos de vivência. Faria bem a muitos que ainda não perderam toda a sensibilidade. Já pensaste o que serias tu no lugar e situação do outro?

■ Que encantadora ficou a nossa Escola de tipografia! As máquinas usadas, agora reparadas e muito limpinhas, dão a impressão de que estão a começar a primeira rodagem. Já há tantos anos que elas rodam! Que continuem a rodar por muitos anos e que sejam instrumentos auxiliares na formação de homens de amanhã.

Um dos nossos pequenitos

Cont. na 4.ª pág.

Cantinho dos Rapazes

• Tinha chegado, há umas horas, de África e, ávido, comprara um diário. (É um mundo de sensações quando se chega, vindo de longe à nossa Pátria!) A toda a extensão da primeira página, a foto duma actriz qualquer a propósito do seu sétimo casamento. Passara por cima dos crimes do dia, da miscelânea dos «golos» e, por sorte, descobrira numa última página em quatro linhas, de tipo pequeno, a notícia da vinda dum médico português que é muito célebre nos Estados Unidos, onde trabalha.

É assim que tanta da nossa imprensa nos atira com ases falsos num jogo desonesto e perigoso. Que interesse tem para nós a prostituição nas Américas ou a cor dos crimes?!

• Vieram no mesmo barco (no tempo deles): Um, pontapés na bola, cerveja, raparigas nativas; outro, uma vida a servir os homens e a Pátria com esquecimento da sua própria. Chegou pobre e doente! Nem a família o esperou! Vi-o sumir-se na multidão... enquanto o delírio louco acenava ao das canecas de cerveja.

• Há dias, numa televisão, um teste a jovens sobre pessoas que se tornaram célebres e a quem a humanidade é devedora. E, de caras, aparece o Platini ao lado de Pasteur! Quanto a humanidade deve a Pasteur! Quanto bem!

Admiramos os bons atletas, são dignos de louvor. Daqui a colocá-los ao lado de Pasteur vai um longo sem fim.

Alguma coisa está errada na educação da nossa juventude...

A verdadeira sabedoria está no discernimento do bem e do mal, do importante e do acessório, do útil e do prejudicial. Que é feito desta pérola preciosa?!

• Entrei num compartimento do Estado, nem por sombras ligado ao desporto. Pessoa amiga da nossa Obra sugeriu-me que pedisse uma participação para os nossos campos de jogos. — E se lhe pedir para as escolas, o nosso hospital, ou um forno para cozer o pão? — perguntei. «Peça, mas não está previsto no nosso orçamento.»

Só futebol! Circos «romanos» para distrair o povo... Não vá ele gritar por pão, hospitais e escolas.

O povo vai e paga o seu

«bilhetão» para gritar uma tarde inteira que não foi goolo. E não foi... Estamos muito longe das verdadeiras balizas!

• Porque coloquei estas notas no Cantinho dos Rapazes? Simplesmente, para reflectir convosco na inconsciência e falta de senso com que a nossa sociedade de consumo e sua comunicação social, todos os dias, apostam na exaltação de falsos valores e sua inversão.

Saibamos discernir e optar pelo que em si é bom e verdadeiro. Isto para que não nos aconteça o que sucede a tantos jovens (da vossa idade) que, ciosamente, guardam o joio e queimam o trigo.

Ora, aqui tendes.

Padre Telmo

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

notas. Não foram os ratos. Nunca eu soube quem foi!

• A cidade e o distrito de Setúbal vivem um período de fome e desânimo sem precedentes na história recente. São em média diária, de doze, as mães e pais de família que nos batem à porta, munidos de sacos e alcofas a pedir comer para os filhos e mais familiares. Os rostos pálidos e abatidos dispensam inquérito particular. Todos trazem a mesma história: — Não temos trabalho! Vêm a pé. Palmilham seis ou mais quilómetros na esperança, ao menos, de matar a fome e levar um avio para a sua casa. Uns pedem para a renda da casa, outros trazem receitas urgentes para aviar, e outros solicitam ajudas pontuais.

Tem sido grande a nossa alegria em repartir. Ainda não faltou «nem o azeite na almotolia nem a farinha na caixa». Batatas, arroz, massa, óleo, sabão,

carne, banha, açúcar, farinha, leite, roupa, etc. saem da nossa despensa e rouparia numa confiança sempre reforçada!...

É tão bom partilhar!

No Verão, recebemos uma grande quantidade de mantimentos oferecidos pelo Youkan, um navio americano, com a intervenção do Capitão do Porto de Setúbal, a Embaixada dos E. U. da América e uma Empresa Despachante. Valeu-nos de muito durante estes quatro meses! Distribuimos pelas nossas Casas e por outras instituições que servem os Pobres.

É verdade que a seguir à Revolução muito se comeu, bebeu, passeou, gastou e pouco se economizou e trabalhou! A Península Setubalense era a zona do País onde mais marisco se consumia. Os líderes embandeiravam em fortes atirando os Pobres para a frente! Mas o sul do País foi, também, durante décadas, a parte de Portugal onde o trabalhador foi mais explorado.

Chegamos a uma situação de rotura que só o amor, o bom senso e o trabalho serão capazes de minorar.

Nas empresas fechadas, ou a encerrar, as instalações e as máquinas ficam a apodrecer! É preciso que os empresários, administradores e directores deixem os seus poleiros e arranquem num testemunho irrefutável de esforço e dedicação. Não estamos para ganhar o mundo inteiro e perder a Vida. Só ganha a Vida quem perde a vida. Palavra Eterna.

É urgente que os trabalhadores abram bem os olhos e não se deixem acorrentar por projectos utópicos que só servem as cúpulas que os apregoam e se agarrem com amor e carinho à sua tarefa quotidiana. É preciso que o capital se sacrifique também e ponha de parte os milhões de juros que as empresas lhes devem — para não perdermos tudo e nos perdermos a nós.

Que todos sejamos homens! Não lutadores nem instrumentos de luta!

Cantinho dos Antigos Gaiatos

— um recado para os Leitores de Lisboa

Já deram conta, através de notícias publicadas no GAIA TO, que estamos reunidos em Associações de Antigos Gaiatos.

O movimento partiu da necessidade muito grande de nos reencontrarmos, de nos conhecermos, de nos amarmos, para assim podermos continuar, na medida do possível, a viver segundo o pensamento de Pai Américo, como também o de todos os Padres da Rua.

Foi assim que nasceram as Associações de Antigos Gaiatos de Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto, para as quais queremos chamar a vossa atenção.

Neste momento temos um pedido, muito importante, dirigido aos Amigos de Lisboa: É a nossa sede. Já fizemos diligências junto de vários organismos

— com as dificuldades costumeiras. Por isso, pedimos aos nossos Amigos de Lisboa o obséquio de nos oferecerem ou alugarem um salão ou uma casa onde possamos reunir para mantermos a nossa actividade. É muito importante que tenhamos o nosso cantinho... E já que ao longo dos anos nos habituámos a contar com a vossa Amizade, confiamos nas vossas mãos, uma vez mais, a resolução do nosso problema.

A resposta poderá ser transmitida à nossa Casa do Gaiato do Tojal (sr. Padre Luiz) ou para a Roscler — através do Eurico que lá trabalha.

Pedimos a especial atenção dos lisboetas e agradecemos antecipadamente.

Cândido Pereira

Uma visita

Cont. da 1.ª pág.

— Sabe?... sou de pouco comer e tenho muitos amigos. Em casa, com um bocadinho de pão, de leite e de cevada, estou servida.

— E frio?... Veja lá se passa frio... — repliquei eu.

— Não!! Tenho roupa que chegue e tenho um aquecedor-zito eléctrico. Como durmo pouco, passo grande parte das noites a ler; mas muito agasalhada!

Na minha cabeça ferviam pensamentos ao escutar esta cidadã anónima na cidade dos homens, com certeza grande senhora na Cidade de Deus. Como estas presenças desconhecidas enriquecem o nosso pobre mundo e são nele penhores da «nova Terra e novos Céus» prometidos e tão descurados pela maioria das gentes, empenhadas no frenesim do ter em prejuízo do ser, fonte da felicidade autêntica de cuja procura e exercício nenhum homem está dispensado. Se é da natureza humana o anseio da felicidade, é dever indemissível dos homens descobrir e prosseguir o caminho da «nova Terra» onde ela existe! Porém, quanto erram os homens por pistas enganosas (caminhos largos) que levam a nenhures! E ali, ao pé de mim, uma mulher do Povo transpirando cultura, irradiando sabedoria, posto tenha aprendido a ler um pouco e a escre-

ver um nadinha, mercê de uma vontade forte, da sua dedicação plena, com os meninos que ajudou a criar.

Do seu relato, subi ao valor precioso da Família, das famílias em cujo seio viveu como membro próprio, desde o lar do seu nascimento e dos primeiros trabalhos junto de seus pais, àqueles em que serviu ao longo de quase sessenta anos — Escola insuplantável onde adquiriu as profundas certezas que eu escutava, expressas com tanta firmeza, com tanta fidelidade, com vivacidade tão juvenil!

«Como a Família é verdade!» — descobriu Fernando Pessoa dentro da sua alma de Poeta e não pôde calar. Nem Pai Américo!, porventura com outra inspiração, ao afirmar que «é progresso todo o regresso a Nazaré».

Oitenta e dois anos, trabalhosos, convividos, compadecidos, certamente com muitas horas dolorosas de permissão — que eu percorri em escassa meia hora. Nem uma queixa de nada; nem uma recriminação contra ninguém — ensombream o discurso brilhante daquela mulher feliz.

Como podia eu reter só para mim este banho de luz, este perfume de bondade? — que me souu a convocação geral à cruzada capaz de conquistar, pelas armas da «pequenez» que o Evangelho exalta, a Felicidade que a Misericórdia de Deus promete!

Padre Carlos

TRIBUNA de COIMBRA

Cont. da 3.ª pág.

da Escola escreveu a seguinte mensagem:

«Casa do Gaiato
3220 Miranda do Corvo
Amigos:

Os gaiatos, saúdam-vos e vêm dizer-vos que a sua Escola-oficina de artes gráficas — tipografia — já está a trabalhar.

Esperam a vossa visita e as vossas encomendas.
Obrigados.»

Esta mensagem foi o primeiro trabalho a sair desta nova Escola. Faço também minha esta mensagem para todos vós.

Padre Acílio

Padre Horácio



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Novembro: 54.957 exemplares.